

Reportagem especial

Transporte dentro das cidades deverá se desenvolver mais

Tecnologia 5G deverá favorecer o rastreamento de cargas, com acompanhamento em tempo real

Se a transformação da logística é um fato sem volta, o modo e a velocidade dessa evolução dependerão do segmento abordado. Os grandes centros urbanos deverão apresentar diferenças dentro desse cenário em relação ao transporte feito por longas distâncias, sendo bem mais rápidas as modificações nas cidades.

Para o vice-presidente do Sindicato das Empresas de Transportes de Carga e Logística no Estado do Rio Grande do Sul (Setcergs) e diretor comercial da Tomasi Logística, Diego Tomasi, na atividade dentro dos municípios os investimentos serão concentrados em veículos elétricos, menores e menos poluentes. Além disso, drones deverão ser utilizados no trabalho de entrega de produtos, assim como aplicativos. Já no deslocamento de maiores trajetos, o desenvolvimento tecnológico deverá ser um pouco mais lento, porque, por exemplo, um veículo elétrico teria dificuldades quanto a locais e tempo para reabastecimento. Tomasi acredita que operações dessa natureza deverão focar no uso de soluções para aumentar a segurança do transporte.

O dirigente acrescenta que cargas agrícolas, por exemplo, também têm um perfil mais tradicional, sendo usados em suas

movimentações, muitas vezes, veículos que nem possuem rastreadores para acompanhar a viagem. Porém, ele ressalta que já há aplicativos pelos quais o motorista que vai realizando os embarques atualiza as etapas do procedimento, desde a lavoura até o descarregamento no porto. Ele projeta que a utilização de soluções como essa deverá ficar cada vez mais frequente. “Qualquer processo em que a gente consiga aumentar a visibilidade e a automação da operação, já vai ser uma caminhada rumo à logística 4.0”, defende.

Um dos maiores avanços observados por Tomasi é a possibilidade do acompanhamento do deslocamento de uma encomenda feita. “Hoje, quando compramos qualquer produto no e-commerce, a gente consegue conferir todas as etapas do nosso pedido”, destaca. Esse rastreamento abrange a efetivação da compra, o envio da mercadoria para o centro de distribuição, o encaminhamento para a transportadora e a data de entrega.

O vice-presidente do Setcergs adianta que a tecnologia 5G favorecerá ainda mais o rastreamento das cargas e eventualmente será possível acompanhar em tempo real onde está o veículo com a encomenda feita pelo consumidor. Mas, se o e-commerce tem se desenvolvido de uma maneira célere, para Tomasi ainda há problemas para serem resolvidos na logística mais tradicional, que conecta a indústria aos grandes clientes e centros de distribuição.



Diego Tomasi, vice-presidente do Setcergs, prevê que veículos elétricos irão circular nos centros urbanos

“Nessa área, é preciso investir mais em ferramentas de comunicação e vejo que o Brasil como um todo, nesse sentido, está atrasado”, sustenta.

Já o diretor do Setcergs e presidente da DEX Soluções Logísticas, Roberto Dexheimer, entende que a logística 4.0 se desenvolve paralelamente à revolução industrial, aproveitando tecnologias e conceitos novos. Para o empresário, essa prática sempre trará ganhos como redução de prazos e maior confiabilidade nas informações quanto às entregas feitas e controle de estoque. No entanto, ele considera que o Brasil

ainda possui uma cultura operacional que não é voltada para a inovação. “A gente precisa mudar essa visão, pois há uma grande resistência a mudanças”, alerta o dirigente.

Para o diretor do Setcergs, o País encontra-se em um ritmo mais lento na questão da modernização, se for comparado a nações europeias e aos Estados Unidos. Conforme Dexheimer, muitas ações de atualização observadas no mercado brasileiro são oriundas de empresas multinacionais que trazem as soluções de fora. “Mas quem não se mexer e se modernizar, a tendência é perder

mercado ou até mesmo sair dele, não tem como fugir da implantação da logística 4.0”, adverte.

Uma das inovações adotadas pela DEX Soluções Logísticas foi na área de RFID, ou seja, a identificação eletrônica das cargas. Uma consequência do uso dessa tecnologia foi a redução da necessidade de pessoal em algumas ações. “Determinadas atividades que exigiam de 30 a 40 pessoas, hoje a gente faz com quatro, porque não há necessidade de conferência, pegar caixa por caixa, produto por produto, é possível a identificação por grandes lotes e com 100% de eficiência”, relata.

MARCELO PEREIRA/FOTOKA/DIVULGAÇÃO/JC



Bruno Hacad diz que cobertura de internet ainda precisa evoluir

Modal rodoviário ainda não apresenta inserção tecnológica robusta

A pandemia de coronavírus definitivamente mudou o cenário logístico do Brasil. Apenas em 2020, cerca de 13 milhões de brasileiros compraram online pela primeira vez, informa o diretor de Operações da FreteBras (plataforma de transporte de cargas), Bruno Hacad. Ele enfatiza que o País evoluiu muito, principalmente no que se refere à logística urbana, com novas tecnologias de rastreamento, entregas rápidas, logística reversa e redução de custos no last mile (parte final do percurso). Entretanto, no transporte rodoviário de cargas, o dirigente admite que essa realidade não é bem assim.

“Em uma nação de dimensões continentais, em que apenas

12% das vias estão pavimentadas e só 13% do território nacional possui cobertura de internet 3G, podemos afirmar que na estrada a tecnologia não avançou tanto assim”, pondera Hacad. De acordo com ele, existe muita ineficiência ainda, o que é propício para soluções partindo das logtechs (startups de logística). Ele lembra que a maioria das logtechs estão na área de logística last mile, armazenamento eficiente e logística reversa, iniciativas primordialmente urbanas.

Porém, conforme o diretor de Operações da FreteBras, existe uma procura crescente por novas plataformas de intermediação entre embarcadores e transportadores, um processo que ainda

é muito lento, custoso e ineficaz. “A terceirização digital dos fretes, como chamamos, chega a ser 23% mais barata do que o uso de frotas próprias e a negociação e o fechamento do frete por meio do nosso marketplace passa a acontecer em questão de minutos”, diz Hacad.

Ele reforça que os caminhoneiros, antigamente, tinham que ficar nos postos de gasolina ou nos terminais de carga dias a fio, esperando para ver se aparecia uma carga. Agora, com o uso de aplicativos, o motorista sai para fazer um frete e já vai negociando o de retorno. “Eliminamos essa ineficiência com o uso da tecnologia”, salienta o representante da FreteBras.